

ÍNDICE

Nota Editorial.....	11
Prefácio.....	13

CONGEMINAÇÕES DE UM NEOPITAGÓRICO

Introdução	67
Carta ao Pedro Sinde – Um dos Doze	69
Diálogos de Thomé e Nathan.....	83
Novos Diálogos de Hylas e Philonous	115
<i>Bellum Sine Bello</i>	129
Em Torno d' <i>Os Lusíadas</i> e de Luís de Camões	147
De uma Conferência de 19-V-06 na Associação Agostinho da Silva	161
Manifestações Sensíveis do Divino	165
De um Caderno de Apontamentos.....	169
À Volta de Platão	201

A AVENTURA MAÇÓNICA – VIAGENS À VOLTA DE UM TAPETE

SEGUIDO DE AUTOBIOGRAFIA
E SOBRENATURAL EM LUÍS DE CAMÓES

Onde se revelam alguns segredos guardados n'Os Lusíadas

Nota Editorial.....	219
Explicação.....	221

P R I M E I R A P A R T E

Pranchas Lidas em Loja por Nathan de Nathanael

G R A U D E A P R E N D I Z

A Fita Encarnada	227
Autobiografia Espiritual	231
O Ar não é Elemento	241
Sobre os Pontos Cardeais	245

G R A U D E C O M P A N H E I R O

A Prova do Espelho.....	251
Do Oito ao Nove	256
A Pedra Cúbica	261
As Sete Artes	263
O Ensino do que não se Ensina.....	266

G R A U D E M E S T R E

Sobre a Prudência	273
Abdel Kader.....	277
A Pedra que se Põe de Lado.....	281
Sobre a Rainha Santa Isabel e a Maçonaria.....	286
Sobre a Saudade	290
O Pensamento em Rimas	292

S E G U N D A P A R T E

*Onde se Revelam Alguns
Segredos Guardados n'Os Lusíadas*

A U T O B I O G R A F I A E S O B R E N A T U R A L
E M L U Í S D E C A M Ó E S

Introdução	305
Primeira Tarde	309

O Messianismo de Camões	319
Segunda Tarde.....	326
Terceira Tarde	335
Quarta Tarde.....	342
Apontamentos colhidos no comentário às rimas de Camões pelo seu maior hermeneuta	346
Comentário ao que Manuel de Faria e Sousa nos diz, no início destes apontamentos, sobre os modos de poetar e de interpretar os poetas.....	354
Quinta Tarde	355
Sexta Tarde.....	360
Sétima Tarde	367

DISPERSOS E INÉDITOS

Uma Loja de São João

Entrada ou Intróito.....	385
1	389
Uma Loja de São João numa Igreja	391
Meditação Dos Símbolos	395
A Dupla Torre.....	399

Outros Textos

Apresentação a Oriente de Estremoz de uma Revista Literária.....	403
Novos Diálogos de Hylas e Philonous	408
O Sagrado na Arquitectura.....	419
Uma Prancha do Grau de Aprendiz.....	421
Dos Símbolos.....	425
Do Segredo	427

A PEDRA CÚBICA

O que é que se aprende no grau de Companheiro? A ser Companheiro, como, no grau de Aprendiz, a ser Aprendiz e, no grau de Mestre, a ser Mestre.

A pedra cúbica, que resulta do desbaste da pedra bruta, apresenta a mesma face para qualquer lado que se a volte, e é assim, pela rectidão que o esquadro define, que se dirigem as coisas oblíquas.

O que caracteriza a vida é a obliquidade das linhas que a tecem. O cubo é a nossa força, que inclui em si a cruz e a revela por desdobramento das suas faces, e que inscrito numa esfera a toca nos oito pontos da construção templária.

Ser sempre o mesmo para o pobre e para o rico, para o feliz e para o infeliz, para o sábio e para o ignorante, apresentar a mesma face para onde quer que nos voltemos, esse é um dos principais aspectos pelos quais praticamos a Temperança, a virtude própria do Grau. Não se confunda a Temperança, assim compreendida, com a hipocrisia. A pedra cúbica tem a forma de um dado. O Companheiro é o ser que se dá.

Não é por acaso que o verbo *dar* é aquele que mais acepções tem na língua portuguesa. Tem mais de cinquenta. Foi um exercício que me propus em tempos: encontrar essas acepções. Dou oito exemplos:

- *Deu-se* um acontecimento
- A corda *deu* de si
- Ao Deus *dará*



- *Dando* às de Villa Diogo
- *Dar-se* inteiramente ao polir da pedra
- *Deu-lhe* para ali
- Tanto se me *dá* como se me *deu*

A palavra *companheiro*, pelo prefixo *com*, significa que não se está sozinho. Está-se em companhia comendo o mesmo pão. Com uma só pedra não se edifica o Templo. São precisas muitas e é necessário que estejam todas unidas. Isto não seria possível com as pedras brutas.

Os peritos canteiros sabem que uma pedra ainda não trabalhada não se ajusta a uma pedra regular. Mas não a atira fora, afeiçoa-a à pedra cúbica; não compõe esta com aquela, tal como se lhe apresenta. Por aqui se vê que a relação do Companheiro com os outros homens, se bem que se deva exercer na mais perfeita disponibilidade, não implica que se afeiçoe ele próprio ao que é ainda disforme. Daqui a dificuldade de se ser conforme o grau exige de nós.

Dá-se inteiramente, mas é ele que dirige as coisas oblíquas, assente sobre si próprio como um cubo, estável e inabalável, mas sempre pronto a receber ao seu lado quem quer que seja que pretenda participar com ele na edificação mística do Templo.

Receberá ao seu lado quem quer que seja, porque todos os homens, por menor que seja o seu momento espiritual na pobreza ou na riqueza – factores ambos negativos –, têm em si aquela chispa, mais ou menos envolvida de obscuridade, mais ou menos acesa, o que faz que a humanidade seja toda uma.

Não é fácil ser Companheiro. A ambição, o orgulho, a inveja, tornam difícil encontrar em cada um de nós a pedra bruta, porquanto sem a encontrarmos não poderemos desbastá-la desocultando o cubo perfeito.



DOS SÍMBOLOS⁸

A incapacidade de pensar por outro modo que não seja o que tudo comprehende por relações mecânicas, se pode dar a ilusão de inteligência onde não há a vida do espírito ou nem sequer a vida, revela-se, pelo contrário, como opacidade quando tal modo aparece a descrever e a circunscrever aqueles domínios que se caracterizam pela ausência de relações mecânicas na produção dos fenómenos. É o caso do esoterismo. Observamos aqui, naqueles que hoje parecem incumbidos de o destruir divulgando-o, que se nega ao pensamento ou ao espírito qualquer eficácia ou até realidade se não o interpretarmos como energia ou força ou vibração actuando sobre a matéria ou sendo essa mesma matéria actuando sobre si por diferenças de nível ou de tensão.

Ninguém nesse domínio aceita ou reconhece o sobrenatural como aquilo cujas leis são inacessíveis à Física, isto é, que sejam outras que as leis da natureza e somente acessíveis a uma espécie de intuição que seja, ao mesmo tempo, a revelação de *outra coisa*. Por isto mesmo é que os símbolos (e a natureza é símbolo da sobrenatureza) constituem a linguagem de acesso ao que sem eles permanecerá abscondido.

Só neste sentido se pode dizer que a poesia é superior à história e a metafísica à física. O diálogo da razão com o que se intui simbolicamente é o que verdadeiramente constitui a filosofia. Pela imaginação as

⁸ N. do O. – Texto originalmente publicado, sem o presente título, que é da nossa responsabilidade, como parte integrante de “Nove apontamentos inéditos”, em *Nova Águia*, n.º 19, 1.º semestre de 2017, pp. 251-253.



metáforas compõem-se com os conceitos para formar a poesia. Mas o modo como os esoteristas que vimos referindo pensam os símbolos, se é lícito e próprio falar aqui de pensamento, ou é um jogo infantil em que pelo fio das associações por semelhança se prolongam indefinidamente as comparações ou decai novamente na tenebrosa redução do superior ao inferior, como quando se diz, por exemplo, que Cristo é o símbolo do sol ou na indefinição do superior, como quando se diz, ao invés, que Cristo é o sol espiritual de que o sol físico é o símbolo. O verdadeiro caminho, neste último caso, seria o de ver no sol físico o sol espiritual por um modo de o olhar de que só os contemplativos têm o segredo.

Daqui se comprehende que o que quer que consideremos (pois tudo é símbolo) vemo-lo sempre depois de se ter produzido, o nosso ser está sempre em atraso em relação ao *fiat* do ser. Um símbolo vive-se ou não se vive, explicá-lo é perdê-lo. Só há um processo de vencer esta dificuldade, é o de descer à fonte do nosso próprio ser.

